

Escos de Guimarães

XIV Ano — Número 539

DIRECTOR, PROPRIETARIO E EDITOR — João Pereira da Costa

2.ª Série — 7.º Ano — N.º 45

Redacção, Gerência e Oficinas
45 — Rua do Gravador Molariño — 49
CASA LUSITANIA

PUBLICAÇÃO AOS SABADOS
Guimarães, 8 de Dezembro de 1928

Assinatura por Ano
Cidade 12\$000 reis, pelo correio 15\$000 reis
BRAZIL, 25\$000 REIS

A Luz Eléctrica

Não temos a pretensão de dar conselhos à Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, a que preside um douto e experimentado advogado e da qual fazem parte cavalheiros da maior honorabilidade.

Entendemos, porém, do nosso dever, como representantes de uma forte corrente da opinião pública, fazer algumas considerações acerca do aumento do preço da luz eléctrica, solicitado à Câmara pelos concessionários.

Ignoramos as razões que fundamentaram semelhante pedido, mas é nossa convicção que nenhuma resolução será tomada sobre tão importante assunto, sem o público conhecer, em todos os seus detalhes, os motivos invocados pelos concessionários.

Os decretos que o Governo da Ditadura Nacional publicou autorizando a revisão, quanto a preços, dos contratos celebrados entre os corpos administrativos e os concessionários da iluminação pública e particular, tiveram em vista, unicamente, evitar a ruína das empresas que não podiam manter, depois da Grande Guerra, os preços fixados em contratos anteriores.

Aqueles diplomas não autorisaram evidentemente a elevação arbitrária do preço da energia eléctrica, para encher de dinheiro os cofres dos concessionários, antes a condicionaram aos prejuízos que as empresas, vinham suportando em virtude da grande desvalorização da moeda.

E' necessário averiguar, antes de se tomar qualquer resolução, se os concessionários vivem em regimen deficitário, ou, pelo menos, se os seus lucros são insuficientes para uma razoável remuneração do capital e trabalho empregados.

Não basta que os concessionários afirmem que a luz em Guimarães é mais barata do que em qualquer outra

Morte ou Glória

A benemérita Corporação dos Bombeiros Voluntários desta cidade inaugura hoje a sua Casa Escola e presta homenagem ao seu ilustre Comandante Sr. Simão da Costa Guimarães

A antiguidade divinizou os seus heróis, cinzelou lápidas, erigiu estátuas, edificou templos e sagrou cultos para que a heróicidade imprimisse na memória das gerações o selo da perpetuidade. As musas foguearam o lume mais refulgente da inspiração para lhes sobredourar o diadema e colher os laureis mais gentis para lhes enflorar a fronte. A idade média armou os seus cavaleiros de impenetráveis escudos — emblemas da immortalidade — e vestiu-lhes insígnias e decorações, símbolos do mais acendrado amor e do mais impávido valor. A poesia popular com a candura dos seus rudes entusiasmos e a poesia culta com os brilhantíssimos estros inspiradíssimos juncou-lhes o disco com os mais mimosos palmitos.

Para os paladinos do heroísmo sempre a arte e a literatura se deram o amplexo dos preitos de admiração, eternizando-os em seus grandiosos monumentos — síntese diamantina da gratidão, alto pregão que quebra a mudez e vai ecoando a epopeia da immortalidade ao ouvido das gentes que se curva reverente bradando — Salvé!

O sublime sentimento de gratidão é inextinguível no coração dos Vimaraneses, que como nenhum outro povo aviva eternamente em cultos ferventíssimos as suas brilhantes tradições.

terra do País ou da Europa. E' preciso muito mais: que *demonstrem* que o exclusivo lhes dá prejuízo.

Em tão momentoso problema que afecta os interesses de milhares de pessoas, que a Câmara representa, em proveito exclusivo de uma empresa, é *inispensável* que fique no espírito de todos a impressão, mais do que isso, a certeza absoluta, de que não foi por favor que se permitiu

Assim, a inauguração do monumento ao comandante Simão da Costa Guimarães vai ser a glorificação consagrada ao seu sacrifício e à sua abnegação e exprime devotadamente o testemunho duma imorredoura lembrança de gratidão.

Tal é a importância do seu valor e o modo como procede o Corpo Activo em manifestar-lhe num público monumento de bronze o seu respeito e estima tam justificadamente merecida. O Corpo Activo da Associação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães é composto quasi na sua totalidade de artistas e operários para quem o trabalho é não só condição de vida como aspiração de alma.

Portanto, a iniciativa destes heróis do bem, traduz uma iniciativa frutífera e abençoada, sendo digna do maior aplauso e merece ficar registada com louvor.

Saudemo-los, respeitemo-los e não esqueçamos que eles nesta época de decadência moral, praticam a melhor virtude: sacrificam todos os seus interesses, dão a própria vida pela vida dos outros.

Enfrento agora, pela vez primeira, o busto que a poalha do Sol bendito nimba de ouro. Vejo a sua máscara dura, vinda, reveladora de uma vontade indomita, olhos que nos fitam — a todos envolvendo numa mesma expressão de bondade, vivendo, — animado aquele pedaço de bronze — nos fala e se

(Conclue na 2.ª página)

qualquer aumento de preço, por mais insignificante que seja.

O assunto tem de ser estudado e resolvido sem preconceitos de espécie alguma, tendo-se *apenas* em vista os interesses também, *mas só os legítimos*, dos concessionários. E a Câmara tem, ou pode ter, como em artigos seguintes veremos, elementos seguros para se pronunciar com sciência e consciência.



Simão Costa Guimarães

Museu Alberto Sampaio

Iniciamos hoje a publicação dos nomes que subscreveram para o custeamento das vitrines e mais obras do Museu Alberto Sampaio:

COMISSÃO	Luis Cardoso de Macedo	600\$00
	Martins de Menezes	500\$00
COMISSÃO	António Leite de Castro	500\$00
	Coronel Duarte Amaral	100\$00
COMISSÃO	Pinto de Freitas	100\$00
	João de Paiva Faria Leite	500\$00
COMISSÃO	Brandão	400\$00
	Alvaro Costa Guimarães	3.000\$00
COMISSÃO	Câmara Municipal de Guimarães	600\$00
	D. Luisa Cardoso de Macedo	60\$00
COMISSÃO	D. Martins de Menezes	60\$00
	Conde de Marquês	200\$00
COMISSÃO	João Cardoso de Macedo	200\$00
	Martins de Menezes	200\$00
COMISSÃO	Albino Cardoso de Macedo	200\$00
	Martins de Menezes	200\$00
COMISSÃO	Jose Júlio de Moraes	200\$00
	D. Rosa Araújo Fernandes	300\$00
COMISSÃO	D. Maria Araújo Fernandes	300\$00
	Luis Leite de Castro Velho	150\$00
COMISSÃO	de Couto	150\$00
	D. Domingos Leite de Castro	150\$00
COMISSÃO	Fabrica do Cavallinho	150\$00
	Simão da Costa Guimarães	150\$00
COMISSÃO	Albino da Costa Guimarães	150\$00
	António da Costa Guimarães	150\$00
COMISSÃO	Martins da Costa Carvalho	150\$00
	Manuel Pereira Bastos	500\$00
COMISSÃO	Companhia de Fiação e Tecelagem de Guimarães	1.000\$00
	Bento dos Santos Costa, Lt.ª	800\$00
COMISSÃO	Antonio Jose Pereira Lima	500\$00
	Francisco Inácio da Cunha	500\$00
COMISSÃO	Guimarães	500\$00
	Dr. Jose da Costa Santiago	400\$00
COMISSÃO	e Carvalho Souza	400\$00
	Fernando Francisco Fernandes	400\$00
COMISSÃO	Francisco Joaquim de Freitas	50\$00
	Pereira & C.ª	50\$00
COMISSÃO	Souza Júnior, Suc.ªs	50\$00
	Fabrica do Cavallinho	25\$00
COMISSÃO	Dr. Jose Domingos Araújo	100\$00
	Dr. João Martins de Freitas	50\$00
COMISSÃO	Manuel Martins Barbosa de Oliveira	50\$00
	Francisco Ribeiro Martins da Costa	500\$00
COMISSÃO	Soma	14.400\$00
	(Continua)	

A sessão solene

Um ligeiro reparo

Muito depois da hora marcada, realizou-se, no Teatro D. Afonso Henriques, a sessão solene. Preside o distinto professor do Liceu, sr. José de Pina. No palco a Academia, com a sua bandeira, e a Delegação desta cidade da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, com o seu estandarte.

O sr. José de Pina abre a sessão, referindo-se ao acto histórico que ia ser comemorado.

Depois segue-se-lhe o estudante sr. Manuel João de Faria, que lê um interessante discurso, incitando os novos a escolherem os magníficos feitos históricos dos nossos antepassados para que sirvam de exemplo e incentivo à geração de hoje.

O sr. António Vieira de António, muito digno Presidente da Delegação desta cidade da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, lê o seu discurso de aplauso e coadjuvação a tão solene acto da iniciativa dos estudantes do Liceu de Martins Sarmiento, seguindo-se o discurso do sr. dr. David de Oliveira, que foi, até há pouco, distinto professor do nosso Liceu.

O sr. dr. David de Oliveira faz uma breve alocução alusiva à data histórica, aos fidalgos que prepararam a revolução de 1640, e ao *pasilanime* Duque de Bragança, que foi depois o rei D. João IV. Só um facciosismo impenitente podia levar o orador a fazer tão desprimorosa referência ao fundador da dinastia de Bragança. D. João IV, que a acção desorientadora das ideias do século passado, pretendeu amesquinhar, apareceu no momento oportuno para salvar Portugal do duro cativeiro de 60 anos. Foi ele quem tornou possível o magnífico mas arriscado levantamento do 1.º de Dezembro de 1640. Foi ele o cimentador da vitória, foi ele, com a sua prudência, o organizador incomparável dessa magnífica, dessa descomunal jornada que resgatou Portugal, fazendo-o retomar o caminho da sua interrompida tradição. *Pasilanime* o Rei D. João IV? Dito por qualquer não lhe ligariam importância, mas dito pelo sr. dr. David de Oliveira, que é professor, já não podemos fazer o mesmo. Por isso aqui deixamos consignado este ligeiro reparo que é, ao mesmo tempo, um protesto consciencioso contra a forma sectária como se continua fazendo a conspiração contra a verdade histórica.

Vossa Excelência só se defende do frio, vestindo as lãs da CASA MARTINS. Camisolas e casacos de lã, meias e peúgas de lã, luvas polí-nitas, lãs inglesas, lãs nacionais. O melhor sortido e mais barato, só na

CASA MARTINS.

Mosaicos do Toural

Recebemos a carta que segue com o pedido de publicação:

É um acto de cobardia, para não dizer de absoluta falta de carácter, um indivíduo criticar, seja de que maneira for, a obra doutro com quem está de relações cortadas e, o que é peor, de quem é inimigo declarado; em segundo lugar, a cobardia acentua-se, porquanto se escuda com a opinião dum terceiro, talvez da mesma força, de quem nem o nome diz; fala, portanto, de orelha, como é de seu uso...; em terceiro lugar, vê-se no artigo um desejo do articulista, ordinário por isso mesmo, de *agradar aos católicos e monárquicos, com quem se quer reconciliar e andar de boas graças!*

Esta é a nota mais nojenta do assunto; mas outra nota há suja e de mau carácter: querer êle incutir no pensamento de toda a gente um crime de lesa-religião, de lesa-Deus, pois o sujeito sabe com que terra lida e como o seu povo recebe aquela abjecta insinuação! E, no resto, que autoridade científica e artística tem o crítico de água chila, para dizer, enfaticamente: «Reputo, pois, êrro de arte e êrro de senso semelhante desenho».

Explique o cavalheiro, se é capaz, o que vem a ser um êrro de senso, se é que conhece a fisiologia do cérebro! O cavalheiro é *mestre* ou julga-se como tal, lançando as suas opiniões como se toda a gente lhas admitisse e abraçasse como se fôsem dum *alto valor*, êle, o pobre desgraçado, analfabeto e lórp! Por absoluta falta de autoridade para falar assim, merecia tam simplesmente o desprêso; mas há, infelizmente, muita gente, muitíssima gente, na nossa terra, que aproveita o mal, venha de quem vier! São os pequenos espíritos que todos se dão bem!

Refutando a opinião parva do cavalheiro, direi apenas que o que está desenhado no mosaico é um motivo ornamental como os restantes do pavimento, condizendo tudo com a época de Afonso Henriques. Não se quiz ali representar o *símbolo Cruz*, mas o *símbolo escudo do rei, escudo português*. E, porque êste a encerra, naturalmente ela teria de ser representada. Culpa não há, porque a cruz no escudo representa a mais *antiga forma do escudo heráldico português, primitivo braço de D. Afonso Henriques*. Prova-o o magnífico estudo do professor da Faculdade de Letras de Coimbra, Dr. António de Vasconcelos, que foi publicado na Revista «Luzitânia», dirigida pela grande professora D. Carolina Michaëllis, já falecida; encontra-se no seu fascículo III, Junho de 1924, pag. 327-1.

O cioso mirone, que julgou ver naquilo um símbolo do Calvário, equivocou-se. E demais, que culpa há nisso, que culpa há de que o povo seja tam ignorante, o povo e os que já se não julgam povo? O povo também chama Guimarães à estátua da Câmara, também lê o v da palavra IMPVS-

TRIAS da Sociedade M. Sarmiento, também chama *pedras de raio* aos machados da idade de pedra, também julga que Portugal e o Mundo é só a terra onde nasceu, também julga que o demo se mete no corpo da gente, etc.

E, no entanto, ninguém se atreveu ainda a acabar com o diabo, com a Terra, com o macaco da Câmara, com a Sociedade M. Sarmiento, e até, já agora, com aquele símbolo que se vê no ângulo N.O da torre do templo da Oliveira!

Pobre crítico, agora tam zeloso do Cristianismo, esquecido já da forma como tratou Mumadona, os cônegos, a confissão auricular, a religião, enfim, na sua pretenciosa prosa sem gramática e sem senso; criatura vaidosa, que nunca poderá com tal prosa sujeitar à feição do resto da gente de juízo e Inteligência, o seu cérebro atrazado e microscópico, tam cheio, no entanto, de megalomania; porque não se atira—ê isso é que eu queria ver—ao uso da cruz nos ouros ao pescoço das mulheres de todo o mundo, a cruz que dorme com elas, que anda entre os seus seios — *frutos do pecado* —, que é arredada pelos homens nos lupanares...; o uso da cruz nos jugos dos bois, que após o trabalho, vão pousar no estêrco dos currais; o uso da cruz nas nossas antigas moedas que entravam em todos os lugares, puros ou impuros; o uso da cruz nos panos de ajazamento dos nossos antigos cavalos de guerra; o uso da cruz nas sepulturas que, abandonadas, são pisadas por toda a gente; o uso da cruz nas portas das casas, desenhadas pelos estrumeiros, a significar que o estêrco já está comprado; o uso da cruz pelos analfabetos nos contratos e quejandos, documentos comerciais; o uso da cruz nos nossos tamportugueses tapetes; o uso da cruz em gravuras e objectos de adorno, que, velhos, vão para o cesto dos papeis; o próprio chão que pisamos nos templos que tem a forma de cruz; e, o que é principal, o uso da cruz nos convites de entêrro dos jornais, na página de anúncios, que depois de lida, é rasgada em pedaços que vão servir nas sentinas para a gente se servir dêles, pela forma mais irreverente?

Porque se não insurge o puritano barato contra isto tudo? Que negue estas heresias, se é disso capaz!!! Mas êle tem lá o cérebro para pensar nestas coisas! Só escreve o que lhe apita ou que copia, o *grande intelectual* do péssimo «Roteiro de Guimarães», das célebres crônicas para um jornal de Braga a dizer mal da sua terra.

Onde não há intenção não há crime. Logo não há crime nos meus desenhos do Toural, cuja crítica, embor' livre, só pode admitir-se quando escrita ou feita por altos valores e não por qualquer pretencioso audaz, que tudo se mete a criticar, mesmo as coisas em que é fundamentalmente ignorante.

CAPITÃO LUÍS DE PINA.

Luís Rib. Pouzada

Missa

Comemorando o triste aniversário da morte do saudoso gerente do Banco Nacional Ultramarino, sr. Luís Ribeiro Pouzada, mandam os funcionários da filial do mesmo Banco nesta cidade, celebrar uma missa na igreja de S. Pedro, no dia 15 do corrente.

José R. dos Santos

Tivemos o prazer de abraçar nesta cidade, o nosso querido amigo, sr. José Rodrigues dos Santos, ilustre capitão de infantaria 32 e vogal da Comissão Administrativa da Câmara de Penafiel.

Abel Vieira Rente

Depois de uma longa permanência nas colónias, regressou à Metropole, tendo estado ontem nesta cidade, o nosso bom amigo, sr. Abel Vieira Rente, distinto capitão de infantaria.

Atlas

Continua a ser o calçado preferido por quem deseja calçar cómoda e elegantemente.

E os seus clientes da ocasião habilitam-se aos valiosos prémios que a Empresa distribue, conforme o anúncio exposto nas suas vitrines.

Morte ou Glória!

Conclusão da 1.ª página

nos mostra clara e sã, tocada da graça da virtude, alma nobre, alma de Vimaranesse que semeia o bem, espargindo confortos, acarinha num cõchego de ternura e de amor a família, a Terra que lhe é berço e a Associação querida que tam dignamente honra. O bronze que é obra de Henrique Moreira afirma um escultor de grandes recursos.

Passei, hoje, diante dêle.

Após de mim, outros virão.

O bronze cobrir-se-há da patina do tempo. Murcharão e logo brotarão viçosas e belas, sucessivamente, as flores do canteiro em que assenta o plinto de granito e mármore que o suporta.

Rolarão os anos e os séculos.

E para todo o sempre o comandante Simão da Costa Guimarães ali estará presente.

É-me grato caber a honra destas linhas, pela muita consideração, respeito e admiração a S. Ex.ª

Por esta Associação verdadeiramente Humanitária — que nos orgulha sobremaneira.

A. F.

8-12-28.

Publicações

"A Crise Vinícola,"

Por José Cerqueira Machado.

Editado com esmero pela Imprensa Moderna, L.^a, do Porto, saiu a lume um livro do sr. José Cerqueira Machado em que o autor, em missão de estudo como delegado vitícola da Liga Agrária do Norte dá conta do que viu e observou lá fora, quer comparando as várias legislações sobre a especialidade, quer analisando as causas externas e internas da crise vitícola com larga soma de estatísticas e de números elucidativos.

É um livro da maior utilidade para quem se interessa por negócios desta natureza.

Há já bastante tempo que «A Crise Vinícola» tinha já a nossa apreciação lisonjeira, o que não sucedeu por contrariedade de várias ordens, e que não estavam de maneira nenhuma na nossa vontade.

Embora não sejamos especializados em matéria vitícola, que nunca solicitaram a nossa atenção, é indubitável que o livro em referência revela um grande conhecimento do assunto, que desenvolve com grande copia de pormenores.

Colaborador ilustre do «Ecos», que se honra com a sua colaboração, José Cerqueira Machado sabe que não está no nosso feitio nem no nosso temperamento dizermos o que não pensamos. Julgamos os homens não ao sabor das nossas predilecções e das nossas simpatias, mas sim pelo que representam e valem.

E o seu livro veio provar possuir o autor um espírito de observação e de análise requintado, acrescido duma maneira simples mas insinuante, persuasiva, de tratar o assunto que de essência não é propício a ser ponderado por toda a gente com agrado.

"A VOZ,"

O nosso presado colega «A Voz», jornal da maior reputação e tiragem que representa hoje uma larga opinião em todo o país e até mesmo além fronteiras, tem distinguido Guimarães por várias vezes com artigos e notícias tão lisonjeiras que nós não podemos deixar de testemunhar ao grande e criterioso diário o nosso reconhecimento, certos de que interpretamos o sentir da maioria dos vimaranenses.

Ainda hoje transcrevemos a entrevista que o nosso ilustre patricio, sr. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, concedeu ao importante diário, defendendo a conservação do nosso Liceu como Central.

Ao presado colega apresenta o «Ecos de Guimarães» as suas saudações.

Casa Atlas

Têm variado sortido de artigos de lá, próprios para a estação, impermeáveis e lindas gravatas.

LICEU DE GUIMARÃES

O que a "VOZ", disse o venerando professor Cônego Alberto da Silva Vasconcelos.

Demonstra-se a razão que Guimarães tem nas suas reclamações quando pede que o seu liceu seja Central

O sr. cônego Alberto da Silva Vasconcelos, e, sem favor o dizemos, uma das mais altas figuras morais e intelectuais da velha cidade de Afonso Henriques.

Homem duma só fé e dum só carácter, o venerando eclesiástico, tem dado ao Liceu de Guimarães um brilho e uma dedicação que nada cansam.

De uma grande modestia e duma inteligência e erudição profundas, o sr. cônego Vasconcelos, foi por vezes indicado para o episcopado.

O ilustre sacerdote rogou a dispensa precisa, e, se é certo que a Igreja se privou de um prelado, que devia ser um grande exemplo de virtude, erudição e bom conselho, não é menos certo que Guimarães exultou de contentamento, de viva alegria, quando soube que Sua Ex.^a não abandonaria a sua terra. Exercer os mais altos cargos políticos dentro do seu concelho, e tem prestado os seus valiosos serviços às corporações religiosas da cidade. Foi notabilíssima, principalmente, a sua acção, como provedor da Santa Casa da Misericórdia, presidente da Direcção do Asilo de Santa Estefânia e prior da V. O. T. de S. Domingos e em muitas outras instituições de caridade e beneficência, que na galeria dos seus benfeitores, ostenta, com orgulho, o seu retrato.

Tal é a alta individualidade que «A Voz» entrevistou para, por seu intermédio, fazer saber ao Governo da Nação e principalmente ao prestigioso e talentoso ministro da Instrução, a razão e a justiça que assiste a Guimarães em querer que o seu Liceu, de tão grandes tradições pedagógicas, continue com a categoria de central.

— Teve o Governo razão para suprimir o curso complementar do Liceu de Guimarães? — perguntámos nós ao ilustre e venerando professor.

— Que quere que lhe diga mais, depois do officio que a Junta Geral do Distrito enviou ao Governo?

«O meu amigo», sabe-o tam bem como eu, porque sendo natural de Guimarães e antigo aluno do Liceu, pode bem, com coração e com verdade, dizer ao Governo, por intermédio do seu grande e honrado jornal, a razão que a Guimarães assiste e de pedir que o seu Liceu continue com a categoria de central como até aqui.

«Eu podia dizer-lhe as justas razões que nos assistem (e digo nos assistem porque bem sabe, que tudo quanto se prende com Guimarães, encontra sempre em mim um grande e carinhoso interesse) em esperarmos do Governo a revogação da medida que nos feriu. Mas muito melhor que eu e com mais autoridade o pode dizer o presidente da Junta Geral do Distrito de Braga, que a Sua Ex.^a o Ministro da Instrução, que sei ser um professor talentíssimo e um grande carácter, dirigiu uma representação concebida em termos, que a cidade de Guimarães soube com gratidão, ao ver que até es ranhos nos reconhecem o grande direito que temos em pedir...»

— Pode V. Ex.^a dizer-nos a súplica desse officio?

— A súplica não. É pouco.

O «Ecos de Guimarães» publicou o officio e é de justiça que «A Voz» o transcreva.

«Aqui o tem e oxalá que o Governo atenda a justa reclamação de Guimarães.

«São estes os nossos votos e certos estamos que a Ditadura há-de cumprir a Lei e esta para se cumprir não precisa mais que a ordem de S. Ex.^a o Ministro.

— Como assim?

— Então não sabe que há uma lei especial referente ao Liceu Martins Sarmiento?

— ?!

— Ouça, então. É lo teor seguinte:

Lei n.º 1.178 (de 6 de Junho de 1921)

Em nome da Nação. Congresso da República decreta, e eu promulgo, a lei seguinte:

Art. 1.º — O Liceu Central de Martins Sarmiento passa a ser directamente

administrado pelo Estado, devendo reverter a favor do Estado todas as receitas até agora atribuídas à Câmara Municipal de Guimarães para o fim da sustentação deste estabelecimento de ensino.

Art. 2.º — As verbas dispendidas pelo Estado com o Liceu Central de Martins Sarmiento, desde 1 de Outubro de 1918, consideram-se liquidadas com a Câmara Municipal de Guimarães na data da entrada em vigor desta lei.

Art. 3.º — Fica revogada a legislação em contrário.

Decreto 7.558, de 18 de Junho de 1921 (Regulamento do Ensino Secundário)

Art. 5.º — A excepção do Liceu de Martins Sarmiento em Guimarães, que se encontra ao abrigo das disposições da lei n.º 1.178, os liceus nacionais sustentados total ou parcialmente por corpos administrativos, passam para a administração directa do Estado, mas só poderão subsistir, se as referidas entidades assumirem a responsabilidade de toda a despesa que lhe competir.

— Pode dizer-me qual a frequência dos cursos complementares do Liceu?

— Com toda a facilidade. Tenho-a aqui à mão. Leia-a com atenção e por intermédio do seu jornal, leve-a ao conhecimento do Governo.

Nota da frequência no curso complementar de Ciências, nos últimos 10 anos

Anos lectivos	VI. class.	VII. class.	Total
1918 — 1919 . . .	19	20	39
1919 — 1920 . . .	30	25	55
1920 — 1921 . . .	24	31	55
1921 — 1922 . . .	23	24	47
1922 — 1923 . . .	18	21	39
1923 — 1924 . . .	22	17	39
1924 — 1925 . . .	22	17	39
1925 — 1926 . . .	17	16	33
1926 — 1927 . . .	13	18	31
1927 — 1928 . . .	16	9	25

Média 40,2

Frequência média do Liceu de Martins Sarmiento, nos últimos 10 anos, 285 isto apesar de, em 1924, lhe ter sido suprimido o curso de letras.

Frequência média do Liceu de Camilo Castelo Branco, em Vila Real, nos últimos 10 anos, 221.

Acerca do número de alunos matriculados nos liceus desde 1905 a 1928, vide «Diário do Governo», II série, de 17 de Maio de 1928.

Média do curso de letras: 12 alunos (até 1924 data em que foi extinto o curso complementar de letras).

A's boas donas de casa

recomendamos a CASA MARTINS, pelo bom sortido de louças de porcelana, louças de esmalte e alumínio, copos de vidro, tapetes, forras para doce, talheres, pratos, tigelas e chávenas avulso. O melhor sortido, o mais barato, só na

CASA MARTINS.

Abel Marinho de Azevedo Barbosa

Trata por sugestão, hipnotismo e espiritismo. Também trata da hérnia: Rua do Retiro, Fafe.

Direcção telegráfica: Abel Marinho de Azevedo — Retiro, Fafe. Resposta paga.

Miniaturas

A Vida

... e vou andando... caminhando na estrada da Vida, olhando o futuro que se aproxima, e com Saudades no coração, pelo Passado morto...

Lanço a minha vista para trás, para o percurso andado, e já não nego, nos tarçicolos da estrada, desaparecida para sempre num adrum, que me vai acenando de cada vez mais longe, as cinzas duma Mocidade que teimou em partir.

Vive-se muito, muito do Passado: o coração vai morrendo porém ao recordar o que um dia, nos distantes do Tempo, nos entonteceu e fez a alegria do nosso viver.

Pômo-nos a recordar a Vida: e são sempre cinzas que se nos depaeram... poeta vã, inane, que os ventos do Mundo dispersaram no espaço com fúria... sonhos, loucuras e amores que, ai de nós!, pobres de nós!, nunca, nunca mais voltarão!

Revolver essas cinzas, é revolver um Mundo: levantar um punhado de pó desse Passado em farrapos, é tornar mais agudo o nosso sofrimento, tornar mais alto e mais escabroso o Calvário amaríssimo da nossa Dôr.

E no entanto nós vemos, nós sentimos, que só essa noite profunda dos Tempos que já não são, ficaram presos aos espinhos do caminho, rasgados, lacerados por eles, alguns, bastantes pedaços do nosso coração... por lá ficaram ao abandono, ao esquecimento, as nossas ilusões, os nossos devaneios de amor, as nossas fantasias, tudo, absolutamente tudo o que o Mundo, afinal, encerrava ainda de belo.

Ah! não me pergunteis, não pretendais saber o que é a Vida: encontrareis sempre, inexoravelmente, fatais como um destino, as mesmas lágrimas e as mesmas dôres.

RUY DE LANCASTRE.

Agradecimento

No impossibilidade de agradecer individualmente a todas as pessoas que se dignaram interessar-se de qualquer maneira, pelo meu estado de saúde na minha última doença, sirvo-me deste meio para significar a todos o meu profundo reconhecimento.

Igualmente quero tornar pública a minha gratidão aos Ex.^{mos} Srs. Drs. Alberto Ribeiro de Faria, Alfredo Peixoto e Fernando Gilberto Pereira, pela proficiente e cuidado com que me trataram, bem como às bondosas enfermeiras que tam bons serviços prestam no Hospital da V. O. T. de S. Francisco.

A todos — muito obrigada. Guimarães, 3 de Dezembro de 1928.

Maria de Oliveira Roriz Gonçalves.

CARTEIRA

O baile no palacete Villa Pouca

Nos sumptuosos e principescos salões da Casa de Villa Pouca, propriedade do nosso distincto amigo sr. Dr. Pedro de Barros, realizou-se no ultimo sabado um imponente baile de beneficencia ao qual concorreram as mais distinctas familias do Porto, Braga, Guimarães, Penafiel, Amarante, Felgueiras, Fafe, etc.

Aquelle admiravel conjunto de formosissimas e ricas «toilettes» com as suas jolas antiquissimas e de alto valor artistico, transportou-nos, saudosamente, aos tempos, já distantes, em que a nossa velha nobreza imprimia um cunho de distincção a todas as suas festas.

Foi uma festa distincta e encantadora! Para lhe dar maior realce, foi-nos dado o grato prazer de assistir á exhibição d'esses formosissimos «quadros» que um distincto grupo da cidade de Braga representou sob a auctorizada direcção do sr. Barão de S. Lazaro. Pena foi que a exhibição d'esses tão brilhantes «quadros» não fosse feita em local mais apropriado pois que, então, o seu efeito seria deslumbrante. A animação nos aristocraticos salões prolongou-se até altas horas da madrugada tendo os convidados, em numero superior a quatrocentos, salido penhoradissimos com as captivantes amabilidades que lhes foram dispensadas pelos illustres donos do Palacete de Villa Pouca. A illustre Comissão de Senhoras que promoveu tão distincta como sympathica festa, as nossas melhores felicitações.

Aniversarios

Fazem anos durante a semana, as Ex.^{mas} Senhoras:

Terça, 11—D. Leonilda da Costa Gomes Abreu, D. Inácia Maria Pereira Mendes, D. Maria Lavinia Faria Blanc.

Quinta, 13—D. Grácia d'Assunção Oliveira, D. Rosa Adelaide da Cruz Basto, D. Luiza de Araujo Gomes Guimarães.

Sexta, 14—D. Otelinda Cândida da Cunha, D. Matilde de Vasconcelos Moreira da Silva.

E os Senhores:

Sábado, 15—Fernando António de Almeida.

Casamento

Na parochial de S. Miguel de Creixomil realizou-se há dias o casamento do nosso bom amigo sr. Manuel Alves Machado, hábil fotógrafo, com a sr.^a D. Josefa Alves Macedo.

Serviram de padrinhos os tios da noiva sr. Manuel Pereira Bastos e sua esposa sr.^a D. Carolina Bastos e por parte do noivo seu tio Domingos Alves Machado e Domingos Alves Ferreira.

Aos noivos deseja o «Fox» de Guimarães a felicidade de que são dignos pelo seu belo caracter.

Doentes

Tem passado bastante doente o rev.^o P.^o Francisco António Peixoto de Lima, amigo capelão da Irmandade dos Santos Passos.

Também está doente com a gripe, o sr. José Luis de Pina, illustre professor no liceu.

Encontra-se melhor dos seus encomodos o nosso prezado amigo sr. Manuel Mendes Corvite.

Chegadas e partidas

Estive nesta cidade o sr. Conde de Azevedo.

Depois duma longa estada em S. Tomé (África) chegou ontem a esta cidade o nosso patricio sr. Joaquim Alves Pimenta, filho do nosso prezado amigo sr. João Alves Pimenta, digno solicitor nesta comarca.

Os nossos cumprimentos.

A FOX Artigos de la, pullovers, jumpers, coletes e meias para homem, senhora e criança.
Rua 31 de Janeiro, 79

Noticias Religiosas

Celebra-se hoje na Capelinha de Nossa Senhora da Conceição, a festividade à Padroeira, com missa solene às 10 horas e exposição do SS.^{mo} Sacramento, que ficará à adoração dos fieis durante o dia.

De tarde às 3 horas: sermão pelo rev.^o Coadjutor de Nossa Senhora da Oliveira, Ladainha, Pota Puçhra e bênção eucarística.

Na igreja de S. Francisco também, às 10 horas, haverá missa solene em honra da Imaculada Conceição.

Na Colegiada, às 8 horas da manhã, missa e Comunhão geral. De tarde, prática e bênção eucarística.

Amanhã, na basilica de S. Pedro, haverá a costumada reunião da Congregação de Maria Imaculada, com missa às 8 horas e Comunhão geral, terminando com a bênção do SS.^{mo} Sacramento.

Éditos de 10 dias

1.^a Publicação

No Juízo de Direito desta comarca e cartório do escritório do segundo officio, abaixo assinado, foi instaurado um processo a requerimento da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, com o fim de expropriar judicialmente, para a construção do novo asilo para velhos, em substituição do actual Asilo de Entrevados de S. Paio, desta cidade, terrenos pertencentes a Miguel de Freitas Oliveira e esposa D. Maria Josefa Leite de Faria, proprietários, do lugar de Entre-as-Vinhas, subúrbios desta mesma cidade, e os quais são situados nos lugares do Rio e da Fonte da Pipa, da freguesia de Azurém, desta comarca, sendo designados — o pertencente à requerida, por terreno denominado do Rio, que se compõe duma faixa de terra ao sul do campo da Porta, e a tenção do mesmo campo, situado no lugar do Rio dos Castanheiros, na dita freguesia, e do campo do Macarrão, contiguo áquelle e também na referida freguesia, este descrito na respectiva Conservatório do registo predial sob o n.^o 25.267, a fls. 52 do Livro B 72, — e o pertencente ao requerido, por terreno denominado Fonte da Pipa, com casa de caserio abrangendo no conjunto a propriedade da fonte da Pipa, que se compõe de casa, alpendre, eira, cortes, terras de cultura e m. is pertencças, uma casa de primeiro andar e horta, do campo da Fonte da Pipa, de outro campo da Fonte da Pipa e da leira de Trás da Casa, prédios estes situados no dito lugar da Fonte da Pipa, e freguesia de Azurém, não se achando

Benemerência

Esmolas oferecidas durante o mês de Outubro de 1928, ao Asilo de Santa Estefânia, pelos benfeitores ex.^{mas} srs.:

D. Maria Máxima de Almeida, 50\$00; D. Leonor Lucinda de Oliveira Cardoso, 1.^o carro de pinheiros; Manuel Saraiva, por intermédio do sr. João António da Silva, um carro de pinheiros; João Lobo de Macedo e João Vasco Cardoso, por intermédio do dito sr. João António da Silva, 1.^o carro de pinheiros, cada um; João Cardoso Martins de Meneses, um carro de pinheiros, e outro de carvalhos, D. João de Portugal (Vila do Conde), 70\$00; Luis Cardoso de Macedo Martins de Meneses, 100\$00; Anónimo, 30\$00; Comissão Administrativa da Câmara Municipal, 300\$00; Herdeiro do ex.^{mo} sr. José Machado Mendes, por intermédio do sr. Joaquim Martins Guimarães, 200\$00; Elias da Silva Machado, 100\$00; Condes de Margaride, um carro de centeio; Dr. Joaquim José de Meira, um cesto de uvas; Mesa Administrativa da Irmandade de N. S. da Oliveira, 5 \$00; Total, esc. 900\$00.

— A Comissão Administrativa agradece muito reconhecida o valioso auxilio dos seus Benfeitores.

MILAGRE...

O preço por que vende os seus artigos a antiga Casa Moutinho, ao Toural 78 a 82, constitui um verdadeiro milagre...

Piano Em muito bom estado, vende-se. R. Francisco Agra, 34.

Ferro para ramadas

Arame alemão garantido e ferro T para ramadas, não comprem sem verem os preços da casa Pedro de Moura, à rua de D. João I, 91.

descritos na Conservatória. A estes terrenos atribui-se a área de 12.839 m²25, e aos primeiros a de 8.805 m²25.

E tendo o falado processo seguido os seus termos regulares, foi consignada em depósito a quantia de sessenta e cinco mil escudos, importância da intimação do valor dos ditos terrenos; pelo que no mesmo processo correm editos de dez dias, que começarão a contar-se após a segunda e última publicação deste anúncio, citando, para os devidos efeitos legais, todos aqueles que se julgarem com direito ao expresso produto ou quantia depositada.

Guimarães, 3 de Dezembro de 1928.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Artur Valente.

O escrivão do 2.^o officio,

Serafim José Pereira Rodrigues.

NOTICIARIO

Banda dos Voluntários

Fomos informados que esta simpática agremiação, vai realizar brevemente a sua primeira festa artistica, numa das casas de espectáculos cá da terra, e que para tal fim se está escolhendo um programa deveras atraente.

Festas Nicolinas

Decorreram animadas, não tendo desmerecido dos anos transactos a Festa dos nossos simpáticos académicos que cumpriram todo o programa sem que tenha havido qualquer nota desagradável.

Podemos por isso felicitar a comissão organizadora que bem cumpriu o seu mandato.

Legados Pios

Foi nomeado agente e Tesoureiro dos legados pios neste concelho, o nosso bom amigo, sr. António Vieira de Andrade, digno Tesoureiro proposto da Fazenda Pública.

Jerónimo Fernandes

Quasi repentinamente, faleceu em Silveiras, em 26 do mês passado, o sr. Jerónimo Fernandes, considerado proprietário da Casa da Torre.

A sua morte foi muito sentida, pois era o saudoso finado muito considerado pelas suas belas qualidades de carácter.

O seu funeral realizou-se no dia 28 com grande assistência de pessoas das relações e amizade da família do finado, ficando o seu cadáver sepultado no cemitério parochial. Paz a sua alma.

A toda a família em luto e em especial a seu filho, o nosso bom amigo sr. António Fernandes Cardoso, apresenta o «Ecos de Guimarães», sentidas condolências.

Contra o frio — Grande sortido de calção de agasalho para homem, senhora e criança. O mais perfeito, o mais durável, o mais barato, só na

CASA MARTINS.

CASA

Vende-se um prédio nesta cidade. Garante-se um rendimento de 12 0/0 no seu aluguer. Carta e esta redacção a CASA.

A FOX Casacos de borraça e polainas, gabardines, galochas para homem e senhora.

Rua 31 de Janeiro, 79